

MEMÓRIA E TRADIÇÃO: LEMBRANÇAS DO “BAILE DO CARMO”*

*Valquíria Pereira Tenório***

Resumo: Neste artigo trazemos algumas reflexões acerca de uma manifestação cultural da população negra de Araraquara, o “Baile do Carmo”. Ao reconstruirmos esse evento a partir do recolhimento de depoimentos orais e da utilização da metodologia da história oral nos embrenhamos pelo terreno da lembrança que nos fez compreendê-lo como um lugar de memória e tradição dessa população.

Palavras-chave: “Baile do Carmo”. memória. tradição

Introdução

O “Baile do Carmo” trata-se de uma manifestação cultural realizada anualmente pela população negra de Araraquara, cidade do interior paulista, sempre no mês de julho desde a primeira metade do XX, nos salões dos clubes das elites araraquarenses. Para participar do “Baile” é preciso que os homens estejam de terno e gravata e as mulheres de vestido longo ou traje social chique. A música fica sob a responsabilidade de uma banda que executa durante toda a noite diversos ritmos tais como samba, salsa, bolero, pagode, samba-rock. Mais do que um baile realizado uma vez por ano, esse evento demonstra a organização e resistência do negro diante da discriminação e dos preconceitos existentes em Araraquara (TENÓRIO, 2004).

O “Baile do Carmo” criou um espaço próprio no qual a memória tem se apoiado, lugar também de uma tradição sempre reafirmada e reconstruída por meio da memória, mas também pela dinâmica da vida e do presente (GIDDENS, 1997).

As lembranças dos participantes entrevistados são variadas, cada um guarda momentos particulares com relação ao “Baile do Carmo”, mas conseguimos perceber lembranças comuns a todos. Momentos, lugares, pessoas, músicas, objetos especiais que ficaram guardados na memória coletiva criada a partir desse evento. Lembranças que se comportam com o passar dos anos como registros sempre atualizados de sua existência. Porque a memória permanece delineando seu caminho, ao mesmo tempo em que o caminho delineia as novas lembranças que possibilitam a manutenção do “Baile do Carmo”.

Espaço e tempo para lembrar

Começou que eu me lembro, que eu acho que começou há mais ou menos 75, 80 anos! (Sra. Zenite, 80 anos, costureira aposentada).

* Este artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada *Uma interpretação do “Baile do Carmo”*: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

Ih! Alembro que eu dancei bastante esse “Baile do Carmo” (Sra. Lina, 90 anos, do lar).

Eu lembro que foi no 27 [Clube 27 de Outubro], minha primeira vez [no Baile do Carmo]. (Sra. Anésia, 71 anos, costureira aposentada).

No Teatro! O Baile mais lindo que tinha era no teatro [antigo Teatro Municipal]. (Sr. Adão, 69 anos, funcionário público aposentado).

No meu tempo era o seguinte... (Sr. Pércio, 76 anos, ferroviário aposentado).

Eu comecei mesmo depois que me casei. (Sra. Anésia).

O lembrar e relembrar moveu as nossas entrevistas porque vasculhamos as memórias de nossos depoentes à procura dos vestígios do “Baile do Carmo”, visto que a memória é o campo em que as lembranças residem e o “Baile do Carmo” é um espaço no qual a memória dos negros araraquarenses pode se apoiar. Segundo Halbwachs (1990):

Jamais saímos do espaço. Não nos encontramos, aliás, num espaço indeterminado, porém em regiões que conhecemos, ou as quais sabemos muito bem que poderíamos localizar, já que sempre fazem parte do meio material onde estamos hoje. Não adianta fazer esforço para apagar essa sociedade local, para ater-me aos sentimentos que experimentei ou reflexões que formulei outrora. Sentimentos, reflexões, como quaisquer acontecimentos, devem realmente se recolocar num lugar onde residi ou pelo qual passei neste momento, e que existe sempre (p. 160).

O “Baile” é um lugar conhecido, mencionado. Pode ser compreendido como um lugar dos negros de Araraquara, guardado e transmitido pela memória. Se no passado os espaços públicos da cidade eram vividos diferentemente por negros e brancos – principalmente quando os depoentes nos relatam a existência do *footing*¹ separado para brancos e negros e das impossibilidades de entrar nos clubes dos brancos (tais como o 27 de Outubro, o 22 de Agosto e o Araraquarense) –, percebemos a importância que o “Baile do Carmo” tinha e ainda tem, como um espaço, um lugar que o negro tem como seu.

Segundo Halbwachs (1990, p. 143) “não há [...] grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço [...]”. Para muitos negros de Araraquara há uma estreita relação com o “Baile”. Para aqueles que vêm de outras cidades, o “Baile” pode se tornar referência fundamental para apoiar suas lembranças sobre a cidade. O “Baile” se encarrega de ocupar definitivamente os salões dos clubes das elites em que é realizado. Esses espaços são “ressignificados” e se tornam espaços dos negros, existindo para sempre na memória dessa comunidade.

Um espaço muito lembrado pelos depoentes foi o Teatro Municipal²; a ocupação desse local para a realização do “Baile” é mencionada por todos. Por isso,

¹ Foram entrevistadas vinte pessoas com mais de quarenta anos entre 2002 e 2003.

A maioria relata a existência de passeio, caminhada por diversas ruas e avenidas da cidade.

² Demolido em 1966, devido à falta de manutenção. Em seu lugar foi construído o prédio que atualmente abriga a Prefeitura de Araraquara.

“voltamos” com eles ao antigo Teatro Municipal para reencontrar os amigos de outrora, para vê-los dançando, vê-los mais jovens. À medida que reconstruímos o passado a partir de suas lembranças sobre o “Baile”, reconstruímos também momentos de suas próprias vidas; por essa razão é possível perceber a existência de vários tempos, diferentes do “tempo universal” (HALBWACHS, 1990, p. 103). Tempos que se referem aos momentos vividos por cada um de nossos depoentes. Segundo Seixas (2002, p. 60), “os tempos da memória designam ao mesmo tempo lugares de memória, toda memória (individual ou social, coletiva) vale-se de lugares (concretos e/ou simbólicos) para se exprimir, materializar-se”.

Quando o Sr. Pércio trata o tempo como seu, está querendo expressar a sua vivência, a sua relação com esse tempo ao lembrar do “Baile do Carmo”. Ao trabalharmos com história oral devemos lidar com o tempo no plural, porque estamos nos referindo ao “tempo vivido” de cada depoente.

Já a Sra. Anésia afirma a sua participação no “Baile” depois de seu casamento. É possível perceber os diferentes marcos que esse tempo tem para eles. Ou seja, a datação oficial é o suporte fundamental, mas o tempo lembrado não se fixa em datas, mas sim na vivência de cada participante do “Baile” (HALBWACHS, 1990). Os marcos são outros, tais como antes ou após o casamento, a entrada na ferrovia, o nascimento do primeiro filho, a primeira vez que participou do “Baile”.

Antigos objetos usados para ir ao “Baile” também são importantes nesse processo de rememorar, porque, para alguns, eles se tornaram símbolos desse momento. Isso pôde ser observado por meio do Sr. Pércio, que nos mostrou a gravatinha borboleta, o relógio antigo de bolso, a piteira, as abotoaduras e um terno que usava para ir ao “Baile” nos anos 50, 60 do século XX. Objetos que passaram a ter um outro valor, não valor de uso, já que não são mais utilizados, mas um valor sentimental; eles são símbolos de uma época que não volta mais e atuaram na pesquisa como detonadores de lembranças.

Vale ressaltar que o passado nunca é trazido da maneira como era realmente, porque a “lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990, p. 71). Para Halbwachs, a memória se ampara no passado vivido e se preserva no grupo. Quando os depoentes nos apresentam o seu passado, é sempre uma reconstrução do que ele foi, do que viveram. O passado não se conserva como era, mesmo que assim o pareça, porque os indivíduos que lembram também não são os mesmos do passado. Como afirma Bosi (2000):

[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (p. 55).

No entanto, a maioria dos depoentes recorda com muita vivacidade e emoção a participação no “Baile do Carmo” quando jovens. Segundo Menezes (1991 (apud

SIMSON 1991, p. 56)), recordar é “colocar (de novo) no coração”, o que fica evidente quando os depoentes se emocionam ao narrar a participação e existência do evento estudado, quando recriam a imagem de amigos que não encontram mais, principalmente a saudade que muitos sentem do passado. É perceptível o modo como suas vidas se entrelaçam à realização do “Baile”. A preparação, a espera, a alegria pelo (re)encontro vêm à tona no momento em que narram partes de suas próprias vidas. Muitos entrevistados participam do “Baile” há mais de cinquenta anos, outros estão há vários anos sem participar, mas ainda se emocionam ao lembrar do passado. Como ressalta Fonseca (2000):

A memória, desta maneira, é selecionada pelos grupos subalternos a fim de estabelecerem uma identidade, um elo de ligação, entre os antepassados e o presente. Assim, guardar as “coisas boas” dos antepassados não é uma forma de contestação, mas de afirmação, mantendo o sentimento de pertencimento grupal frente a outros grupos e práticas (p. 9).

Foi isso que percebemos nas entrevistas, pois mesmo aqueles que não participam mais do “Baile” ainda mantêm um vínculo com essa forma de manifestação dos negros em Araraquara ou ainda mantêm um vínculo com o grupo. Pois como afirma Halbwachs (1990):

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante[sic] pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (p. 34).

Os depoentes que não participam mais do “Baile” ainda fazem parte do grupo e realimentam suas lembranças por esse motivo. Quando os depoentes passam a recordar o “Baile”, parece que não deixaram de participar dele, o que também pode ser compreendido quando pensamos em uma memória “herdada”, como trata Pollak (1992, p. 201), ou seja, a transmissão ou projeção da memória dos verdadeiros participantes para os seus ouvintes. O grupo que frequenta o “Baile” preserva participantes antigos e seus descendentes, propiciando uma intensa circulação de informações.

Conforme Pollak (1992), é possível a uma pessoa narrar acontecimentos que vivenciou pessoalmente ou por tabela, ou seja, acontecimentos aos quais não esteve presente pessoalmente, mas que já fazem parte de suas lembranças pela vivência com os verdadeiros participantes ou com outros narradores. Nas palavras de Halbwachs (1990), temos uma memória emprestada, ou seja, lembranças não limitadas à nossa vivência, que viriam de outros tempos, dos livros, das histórias ouvidas dos avós.

O “Baile do Carmo” propicia a manutenção do grupo, pois para a reconstrução de uma memória coletiva é preciso que ainda haja contato. E mesmo pessoas que nunca participaram do “Baile” sabem a respeito dele porque compartilham dessa memória. Segundo Nora (1993):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...] (p. 9).

No “Baile do Carmo” a memória está viva e se modifica, se recria, se “ressignifica”, contagiando outros indivíduos para conhecê-lo, promovendo a manutenção do grupo. Talvez seja por isso que as comissões que organizavam o “Baile” não se preocupavam em registrar por escrito a sua existência, porque a memória estava viva no grupo participante e em todos os anos de sua realização. Como nos sugere o depoimento abaixo:

[...] esse baile já vinha há muito tempo atrás, hoje eles julgam, eles dizem que o Baile podia ter uma escrita, uma coisa, mas o povo daquele tempo não fazia data de fundação, não deixava nada, eles queriam é fazer o baile, por isso é que a gente não tem uma data definitiva assim de que ele tem tantos anos, a gente não sabe. (Sr. Pércio).

Por um lado, a falta de registros pelas comissões pode expressar essa vida que o “Baile” ainda mantém. Por outro, a inexistência de qualquer registro na história de Araraquara sobre esse evento pode demonstrar que, ao lembrarmos, estabelecemos conflito, porque muitas vezes nossas lembranças são diferentes daquelas registradas pela história oficial de determinada sociedade. Temos a redução ou o soterramento de várias memórias coletivas quando uma memória oficial é construída.

Os estudos da memória constataam que os diferentes grupos sociais a guardam com fins diversos. Os subalternos a têm como forma de manter seus costumes, crenças e tradições. Ao passo que os dominantes utilizam-na como meio de eternizar seu poder através dos monumentos e da escrita. Assim, o uso da memória pelos grupos também é um exercício político, estando em constante mediação com a realidade social (FONSECA, 2000, p. 9).

Nossa pesquisa constatou não haver registros da presença do negro na história de Araraquara, de suas atividades, suas manifestações, seus nomes e rostos reforçando a idéia de que os registros são feitos a partir do ponto de vista dos dominantes, dos que exercem o poder.

A memória sobre o “Baile do Carmo” seria uma “memória subterrânea” em Araraquara, pois as memórias subterrâneas fazem parte das culturas dominadas e não aparecem na construção de uma memória oficial; são as memórias dos negros, das mulheres, dos homossexuais, de todos os marginalizados pela sociedade. Segundo Pollak (1989):

[a memória subterrânea opõe-se] à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em

associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política [...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante (p. 8).

A memória do “Baile do Carmo” está cuidadosamente guardada pelos participantes, pelos grupos familiares que o frequentam. “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.” (POLLAK, 1989, p. 05). É esse cuidado até inconsciente com a memória do “Baile” que faz com que as pessoas em seus grupos familiares tenham, desde cedo, o interesse em participar dele. Esse interesse alimenta a memória, que por sua vez alimenta o interesse. Como nos faz pensar Queiroz (1983):

A transmissão tanto diz respeito ao passado mais longínquo, que pode mesmo ser mitológico, quanto ao passado muito recente, à experiência do dia-a-dia. Ela se refere ao legado dos antepassados e também à comunicação da ocorrência próxima no tempo; tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade (p. 16).

Desse modo, surge a tradição do “Baile do Carmo”, ou seja, por meio dessa transmissão de geração a geração, por entre as famílias, entre amigos. Essa transmissão tem marcado por muitos anos o (re)encontro e propiciado a continuidade do próprio “Baile”.

Vida e tradição coexistem no “Baile do Carmo”

Essa transmissão estabelece uma importante relação entre memória e tradição. Para Giddens (1997, p. 80), a “tradição está ligada ao ritual e tem suas conexões com a solidariedade social, mas não é continuidade mecânica de preceitos que é aceita de modo inquestionável.” A memória, a nosso ver, é uma das responsáveis pela manutenção das tradições, da continuidade; poderia ser encarada como alimento da tradição, ao mesmo tempo em que a tradição seria a concretização da memória.

[...] a memória é um processo ativo, social, que não pode ser apenas identificado com a lembrança. Nós reproduzimos continuamente memórias de acontecimentos ou estados passados, e estas repetições conferem continuidade à experiência. Se nas culturas orais as pessoas mais velhas são o repositório (e também frequentemente os guardiões) das tradições, não apenas porque as absorveram em um ponto mais distante no tempo que as outras pessoas, mas porque têm tempo disponível para identificar os detalhes dessas tradições na interação com os outros da sua idade e ensiná-las aos jovens. Por isso podemos dizer que a tradição é um meio organizador da memória coletiva. Não poderia existir uma tradição privada, como não pode existir uma linguagem privada. A “integridade” da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do “trabalho” contínuo

de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado (GIDDENS, 1997, p. 81-2).

Para Giddens (1997) a memória é vida, é processo ativo e a tradição seria a responsável pela organização da memória coletiva. As duas se baseiam na reconstrução do passado, de forma dinâmica, visto que tanto a memória como a tradição acompanha as modificações sociais ocorridas no presente. A tradição também pode ser encarada como uma forma de olhar para o passado, reconstruindo-o, muitas vezes, com os preceitos do presente e buscando organizar o futuro.

[...] a tradição está, de algum modo, envolvida com o controle do tempo. Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de se organizar o tempo futuro (GIDDENS, 1997, p. 80).

O “Baile do Carmo” vivido por seus participantes não deixa de ser uma maneira de organizar o tempo futuro, já que as pessoas se preparam durante todo o ano. Aquelas que vêm de fora organizam o seu calendário de trabalho com vistas a poder tirar férias ou ter folga para estar no “Baile”. Outras descreveram o calendário a partir das festas que gostariam de participar, em especial do “Baile do Carmo”.

O “Baile do Carmo” pode ser considerado uma tradição de negros de Araraquara, realizado há mais de setenta anos, preservando o seu formato, ou seja, a manutenção do tipo de música, de vestimenta e da época em que é realizado. Porém, nessas décadas de realização a sociedade mudou e o “Baile” também. Algumas alterações foram feitas para atrair o público mais jovem: a utilização de banda em vez de orquestra; a eleição de uma rainha do “Baile”; a inclusão de outros dias e atividades ao “Baile”, que passou a ter quase uma semana de festividade. Porém, essas alterações não acabaram com o formato original do “Baile do Carmo” e com sua proposta original: construção de identidade, manutenção dos laços de solidariedade e sociabilidade.

As tradições [...] estão sempre mudando; mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência; se é tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade e continuidade que resiste ao contratempo da mudança. As tradições têm um caráter orgânico: elas se desenvolvem e amadurecem, ou enfraquecem e “morrem”. Por isso, a integridade ou autenticidade de uma tradição é mais importante para defini-la como tal do que seu tempo de existência (GIDDENS, 1997, p. 0-1).

O “Baile do Carmo” é, até hoje, conhecido como um baile “de gala”, que vem sendo transmitido para e vivenciado pelas novas gerações. A memória é a grande responsável pela manutenção dessa tradição nas figuras dos antigos participantes que ainda presenciam o “Baile” ou que transmitem às novas gerações como era no

passado. Mas, os jovens ou aqueles que estão participando do evento pela primeira vez também se encarregam de transmitir ao grupo como o “Baile do Carmo” aconteceu naquele ano, mantendo viva a sua tradição. Há um intercâmbio de informações reafirmando a coesão do grupo. Quando perguntamos sobre a existência e importância do “Baile”, os depoentes reportam sua fala à tradição.

Eu freqüento o Baile desde os dezoito anos de idade. Sempre foi dessa forma, um Baile tradicional, um Baile a rigor, sempre foi a rigor, nunca entrou sem gravata. Nunca entrou uma mulher mal vestida, foi um Baile muito lindo (Sr. Adão).

Porque é tradição, você sabe, a tradição vem de longe, né? Vem mais de 100 anos que vem vindo e aquele que pega continua fazendo, não pega pra fazer outras partes. Mas o Baile do Carmo, não pára. É uma tradição da raça negra porque muitos se reuniam ... (Sr. Geraldo, 74 anos, marceneiro aposentado). Desde mocinho já era uma tradição e já era um baile de muito grãfino, como até hoje é ... O povo daqui e o de fora, vinha muita gente de fora. Era uma tradição maravilhosa. (Sr. Pércio).

Acho ... é uma tradição, né? É, a maioria gosta (Sra. Anésia).

Muitos depoentes dizem que o “Baile” sempre foi como o vimos em nossas observações participantes, no que diz respeito às vestimentas, à música, período do ano em que é feito, regularidade. Outros nos confidenciam que antes, no tempo de sua juventude, era melhor, talvez porque os percalços de sua vida presente os façam encarar o passado com maior nostalgia, visualizando-o como tempos melhores, ou ainda pela falta sentida por muitos participantes do reencontro com amigos que não participam mais do “Baile” por algum motivo.

[...] pra ir em baile assim você tem que ter par [risos], antes não! Quando a gente começou não, chegava lá a gente saía bem, tinha os moços de fora, agora não. Na época mais que eu ia, vinha muita gente. Então a gente ia mais pra encontrar, aquela confraternização. Elas [as irmãs que ainda freqüentam o “Baile”] gostam, mas elas falam que o pessoal antes vinha muito mais bem vestido do que agora. Elas continuam indo. Vem uma prima de São Paulo que vinha antes e que continua (Sra. Zenite).

Segundo o atual organizador, o “Baile do Carmo” foi passando por mudanças desde a sua origem até chegar às suas mãos no final dos anos 80 do século XX. Mas nem tudo pôde ser alterado, principalmente em relação à vestimenta masculina. Segundo temos recolhido com os outros participantes do “Baile”, o terno já era uma vestimenta usual, já era utilizado desde os primórdios do “Baile”, além de fazer parte da vestimenta habitual dos homens do início do século XX. Atualmente, o terno deixou de ser uma vestimenta usual dos homens e passou a ser utilizado pela maioria apenas em ocasiões especiais.

Teve alguém que foi refinando, né, que nem, por exemplo eu, que consegui fazer o Baile ... Acontece que o negócio de terno eu tive que enfrentar vários

negros. Mas acontece que pra você fazer parte da sociedade você tem que estar assim, não é? (Costa, 50 anos, promotor de eventos e atual organizador do “Baile do Carmo”).

Isso daí era da cultura da época, da sociedade da época. Homem que era homem não podia andar sem paletó e gravata, homem pra ser respeitado tinha que ter paletó e gravata. Era a roupa da época, dos anos 40 pra cá (Estela, 57 anos, professora e cabeleireira).

As mulheres até os dias atuais também precisam estar muito bem vestidas. A roupa é uma tradição. A preocupação com a roupa, sapato, cabelo, maquiagem, ou seja, com a elegância necessária para esse evento é passada de mãe para filha. Como na fala de Dona Lina e de sua filha Berenice.

A nega que tivesse de sapato baixo já falava não ... nega de sapato de empregada [risos]. A nega de sapato de empregada, que o sapato era vestido chique não podia ir de sapato baixo, né? Se elas punha sapato baixo diziam que era sapato de empregada. E tinha que ser tudo chique (Dona Lina).

Na época tinha a nossa costureira que já fazia todo o ano. Era a Dona Amélia, aí aos doze anos já era a minha comadre que é até hoje, né? A Odete, ela faz roupa pra gente até hoje, todo ano. Mas antes disso era a Dona Amélia que fazia, comprava o tecido na cooperativa [da ferrovia] na Paulista, em São Carlos ou em Jundiá, fazia as compras lá, sapato, roupa se preparava mesmo para o baile (Berenice, 53 anos, do lar).

Procura-se manter no “Baile do Carmo” um diálogo com os elementos do passado e do presente. As tradições não estão referenciadas apenas em um passado remoto, longínquo; elas são definidas pelos grupos sociais envolvidos sendo (re)criadas e modificadas a fim de estabelecer algum sentido para eles (HOBSBAWN, 1984; GIDDENS, 1997; SILVA, 2001). Um evento pode ser transformado em tradição de acordo com diferentes interesses e “sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWN, 1984, p. 9). Tal como a tradição do “Baile do Carmo”, constantemente (re)elaborada por seus organizadores e participantes.

A tradição do “Baile do Carmo”, mesmo envolta em dúvidas quanto à sua origem, tem proporcionado a participação e realização do evento em todos os mais de setenta anos de existência. O “Baile do Carmo” diferencia-se das atividades cotidianas e de outros possíveis bailes que venham a acontecer porque já está investido de uma tradição. Ele não é um baile comum. É esperado com ansiedade pelos participantes, principalmente porque acontece apenas uma vez por ano, representando o *début* para algumas jovens, o possível enlace entre aqueles que se conhecem por ocasião do “Baile”. Segundo o Sr. Adão: “O Baile tinha uma tradição e essa tradição ela consistia em os mais jovens arrumar namoradas, noivas, esposas, tá entendendo?”

Ele envolve um amplo processo de afirmação e coesão grupal. Por isso, uma razão para que ele aconteça e atraia tantos participantes em todos esses anos é a necessidade de manutenção de uma identidade. Ou seja, essa tradição conseguiu agrupar segmentos da comunidade negra em torno de um baile.

[...] a tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado; mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação [...] A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica. Esta preocupação psicológica é uma das principais forças que permitem às tradições criarem ligações emocionais tão fortes por parte do “crente”. As ameaças à integridade das tradições são muito frequentemente, senão universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu (GIDDENS, 1997, p. 100).

A reconstrução de um processo de identidade ocorre a partir do presente e de elementos do passado. A preservação das tradições pode manter as identidades coletivas e sociais. É também por isso que as pessoas continuam participando do “Baile”, pela vontade e necessidade de conservar uma identidade, uma integridade que as distingam daqueles que não o frequentam. Participar do “Baile” coloca as pessoas a par do ocorrido com os conhecidos da cidade e de fora durante o ano, as coloca novamente juntas, reforçando a construção de uma memória coletiva e, por conseguinte, de uma identidade.

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim sendo, a memória permite a reconstrução de seu passado e constitui o fundamento de construção também de uma identidade. As pessoas continuam participando do “Baile do Carmo”, reabastecendo suas memórias e provocando a manutenção da tradição a partir do pertencimento a um grupo social.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

FONSECA, Dagoberto José. *Negros corpos (i)maculados: mulher, catolicismo e testemunho*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. 2. reimp. São Paulo: Unesp, 1997. p. 73-133.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-201, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. R. M. von (Org.). *Experimentos com história de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1998. p. 14-43.

_____. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU, FFLCH/USP, 1983. (Coleção Textos, n. 4).

SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção: uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História*, São Paulo, n. 24, p. 43-63, jun. 2002.

SILVA, Mônica Martins da. *A Festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia: AGEPEL, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Folgado carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural. *Resgate: Revista de Cultura*, Campinas, n. 3, p. 53-60, 1991.

TENÓRIO, Valquíria Pereira. *Uma interpretação do “Baile do Carmo”*: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Abstract: In this article we bring some reflections concerning a cultural manifestation of Araraquara, the “Baile do Carmo”. When reconstructing this event through the collection of verbal reports and using the methodology of oral history we enter the land of the souvenir and start to understand it as a place of memory and tradition of this population.

Keywords: “Baile of the Carmo”. memory. tradition